



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **SOB AS MÁSCARAS DA ALEGRIA: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM POLÍTICA DE MARIA LUIZA FONTENELE A PARTIR DAS CHARGES DOS JORNAIS DE FORTALEZA (1985-1988)**

Matilde de Lima Brilhante\*

1

*O riso foi enviado à terra pelo diabo,  
apareceu aos homens com a máscara da  
alegria e eles o acolheram com agrado. No  
entanto, mais tarde, o riso tira a máscara  
alegre e começa a refletir sobre o mundo e  
os homens com a crueldade da sátira.”*

**BONAWENTURA**

### **VISUALIZANDO A EMERGÊNCIA DE NOVOS PERSONAGENS [E ESTRATÉGIAS] NA CENA POLÍTICA**

Este estudo propõe pensar a construção da imagem política [pública] de Maria Luiza Fontenele através das charges presentes nos jornais da chamada grande imprensa de Fortaleza (O Povo e Diário do Nordeste) na década de 1980 – período em que o Brasil saía de uma ditadura civil-militar para um pretense regime político democrático.

Maria Luiza foi deputada estadual, no Ceará, por duas vezes consecutivas pela legenda do PMDB. Em maio de 1985 saiu do partido (PMDB) para ser candidata à

---

\* Graduada em História pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central. Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará.

prefeita pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Foi a primeira mulher na história política cearense a ingressar numa disputa por um cargo no executivo municipal. Consequentemente, a primeira mulher a assumir um cargo nesse setor no Estado do Ceará, quando disputou e venceu as eleições municipais de 1985.

Em 1985, concorriam para a administração municipal em Fortaleza: Antônio Paes de Andrade (PMDB); Lúcio Gonçalo de Alcântara (PFL); Maria Luiza Fontenelle (PT); Antônio Alves Moraes (PDS/PTB); Moema São Tiago (PDT); Humberto Beviláqua (PL) e Francisco Tarcísio Leite (PSC).

Nesta campanha, inaugurava-se o discurso com a temática da mudança [tão explorado na disputa para governo estadual pela coligação Pró-Mudanças posteriormente]. Maria Luiza, candidata por um partido considerado de esquerda (PT), defendia que Fortaleza era uma cidade opositora, e quando entrevistada pelo jornal O Povo afirmou que “esta cidade sempre se caracterizou como eminentemente opositora. E hoje é muito mais que no passado”.

O tema da mudança parecia ser o grande mobilizador de opiniões, e nesta campanha foi utilizado ostensivamente por dois dos partidos concorrentes: PMDB e PT. O candidato do PMDB, Paes de Andrade, respalda-se no discurso em defesa da democracia, exaltando a imagem de seu partido como opositor à ditadura civil-militar no Brasil<sup>1</sup>. Para Maria Luiza, candidata do PT, os anseios de mudança do povo eram bem maiores que as concessões políticas feitas pela Nova República, uma vez que mantia o quadro econômico sem alterações, além de não fazer nenhuma opção prioritária pelo povo que continuava a conviver com inflação e desemprego<sup>2</sup>.

Além de exposição pública contra a ditadura, alimentava-se um discurso anti-coronelista [entendido como perpetuação do regime ditatorial a nível local]. Encontra-se nessa elaboração discursiva (da mesma forma que utilizada na campanha estadual de 1986 por Tasso Jereissati) a construção de uma imagem positiva conforme a negação de

---

<sup>1</sup> Contra esse discurso de defensor da democracia, o então ministro da desburocratização, Paulo Lustosa, rebatia com declarações sobre a incoerência do candidato do PMDB. Esta incoerência, segundo Lustosa, advia do fato dos peemedebistas quererem ser governo, utilizar-se dos benefícios dos cargos conquistados e manterem um discurso de oposição. Lustosa diz não acreditar nos discursos políticos de Paes de Andrade, apresentando o argumento de que o candidato teria se beneficiado com o regime instalado em 1964.

<sup>2</sup> Jornal O Povo, Fortaleza, de 25 de agosto de 1985.

um outro fenômeno, nesse caso, o coronelismo. Esta forma de sobreposição estratégica não separa os discursos – “mudança” e “oposicionismo” – por completo, permanecem um dependendo sempre do outro. Assim, para a construção de uma imagem política positiva, na conjuntura que estamos analisando, era preciso negar o passado (lê-se práticas relacionadas a ditadura e por extensão o coronelismo a nível local); não a negação da existência deste passado, mas de sua relação com o que tornou-se “condenável” no mesmo.

Tal assertiva nos leva a pensar que a concorrência no campo político é determinada pela elaboração de discursos de combate em que não basta propôr uma imagem positiva de si, é preciso, também, anular o discurso do outro. Essa anulação se dá pela construção, muitas vezes simbólicas, de imagens negativas do outro, levando-o ao descrédito.

Foi essa lógica que observamos ser característica da campanha municipal de 1985 em Fortaleza. Tendo o PMDB e o PT assumido uma postura pública a favor de mudanças e de defensores da democracia; seus discursos sugeriam o combate ao regime instalado em 1964. Vale ressaltar que mesmo utilizando-se de um tema comum, os dois candidatos recorriam à imagens e sentimentos distintos. Paes de Andrade esperava mobilizar o eleitorado através da “gratidão”, enquanto sua opositora recorria ao sentimento de “esperança”.

Para Maria Luiza funcionou, de forma complementar, a imagem de militante dos movimentos sociais, uma vez que:

A deputada Maria Luiza Fontenelle é egressa dos movimentos estudantis secundaristas e universitários, tendo integrado a Juventude Estudantil Católica e o Centro Liceal dos Estudantes cearenses. Foi vice-presidente do Diretório Acadêmico da Escola de Serviço Social e Chefe do departamento de Ação Comunitária da Fundação de Serviço Social de Fortaleza, sendo responsável pelos trabalhos na construção do conjunto Santa Luzia do Cocó. Professora universitária durante 11 anos, é mestre em Sociologia do Desenvolvimento. Coordenou campanha como o Movimento Feminino pela Anistia e União das Mulheres Cearenses. Tem Trabalho diretamente ligado a movimentos populares e junto a periferia de Fortaleza. Em termos de militância partidária esteve ligada ao MDB e depois ao PMDB até o início deste ano, sendo eleita em duas legislaturas seguintes pelo então partido de oposição. Exerceu a presidência das comissões de Educação e Meio Ambiente e é autora do requerimento para investigação do desmandos administrativos no setor de Educação. Seu trabalho na área de meio

ambiente a tem ligado às associações em defesa da ecologia e é autora da lei que regulamenta o uso e a comercialização dos agrotóxicos. Participa das lutas de apoio aos trabalhadores rurais pela Reforma Agrária, embora teça críticas ao projeto apresentado pelo Governo, defendendo a reforma não nas mãos das associações e de classes rurais. Participa de greves e passeatas dos movimentos reivindicatórios, inclusive tendo enfrentado a polícia por duas vezes. A candidata petista nasceu em Quixadá, em novembro de 1942. Estudou em Fortaleza nos cursos ginásio e secundários cursando a Faculdade de Serviço Social na UFC. Tendo cursado mestrado nos Estados Unidos.<sup>3</sup>

Considerando as reflexões de Pierre Bourdieu, notamos que no campo político a concentração de meios de produção propriamente políticos advém de uma competência específica que é exigido do profissional que pretende entrar com alguma probabilidade de sucesso neste campo. É cobrado do profissional capacidades como o domínio de uma certa linguagem e de uma certa retórica política, a do *tribuno*, indispensável nas relações com os profanos, ou a do *debater*, necessária nas relações entre profissionais. Queremos com isso dizer que a organização da campanha de Maria Luiza esteve pensada e executada de forma concorrencial na luta pelo poder de “fazer ver” e “fazer crer”, dispondo desse saber que é próprio de quem pertence ao campo.

4

### AS CHARGES E A PRODUÇÃO DE UMA IMAGEM POLÍTICA

As charges, publicadas pelos jornais O Povo e Diário do Nordeste sobre a campanha municipal de 1985 e, posteriormente, sobre a administração de Maria Luiza, correspondem a uma proposta de construção de uma imagem a ser divulgada ao maior número de pessoas possível. A construção dessa imagem implica a inclusão de desejos, expectativas e visão de mundo daqueles que a constroem<sup>4</sup>. Explicando melhor, temos que, o humor gráfico insere-se no mundo social como parte estruturante deste, e, como tal, constituindo um instrumento de produção de sentido. Sendo assim, por meio dessa produção se cria, se olha, se vê, se pensa uma dada realidade, nesse caso, a administração de Maria Luiza Fontenele.

---

<sup>3</sup> Jornal O Povo sobre a convenção do Partido dos Trabalhadores para homologar o nome de Maria Luiza como candidata do partido. 10.08.1985

<sup>4</sup> Não só do indivíduo chargista, mas também do grupo para o qual ele trabalha.

Com o golpe civil-militar de 1964, no Brasil, as eleições diretas para prefeito nas capitais e áreas de segurança nacional foram sustadas, sendo re-instaladas na legislação eleitoral apenas em 1985. O cenário era de grande agitação. As movimentações dos partidos, intentando vencer a eleição, proporcionaram rompimentos e/ou alianças entre estes. Assim, Maria Luiza Fontenele saiu partido pelo qual se elegeu deputada estadual em 1983 (PMDB) e ingressou no PT; o PFL e o PMDB romperam a chamada Aliança Democrática e lançaram candidatos próprios, Lúcio Alcântara e Paes de Andrade, respectivamente; o PDS firmou aliança com o PTB e Moema Santiago substituiu Sérgio Philomeno, após a impugnação de sua candidatura pelo Ministério Público com a alegação de abuso de poder econômico nas eleições anteriores. Com isso, há uma reconfiguração nas coligações partidárias a nível municipal.

Durante a campanha eleitoral, nenhuma charge apresentando a candidata Maria Luiza Fontenele (PT) como possível vencedora foi publicada na grande imprensa da cidade. Nas seis charges em que se faz referência a ela, está em segundo plano da cena.



Fig. 01. Sinfrônio. O Povo. 4.10.1985.

Se contabilizarmos as charges que estiveram à nossa disposição, do início oficial da campanha até as vésperas da eleição, temos um total de cento e oitenta e duas (182) publicações, incluindo os dois jornais pesquisados, destas, seis referiam-se à candidata do PT, e das seis, nenhuma destacou sua possibilidade de vitória. As representações humorísticas da campanha eleitoral eram pautadas em algumas abordagens, de forma constante: eram os conflitos partidários; o comportamento dos políticos; o pouco interesse do eleitor nos horários do TRE; a vitória de Paes de

Andrade, quando muito, a disputa acirrada com Lúcio Alcântara. Os demais candidatos nem apareciam nos desenhos.

Nessas imagens de humor, expressas nos jornais da grande imprensa local, percebe-se a emergência de um imaginário-político que suscitava a desconfiança-desesperança com relação à atuação de Maria Luiza como prefeita da cidade.



Fig. 02. Sinfrônio. O Povo. 02.01.1986.

O candidato que vencesse as eleições de 1985 encontraria a capital cearense com problemas característicos das cidades médias e grandes do país, como: desemprego, problemas de infra-estrutura urbana, analfabetismo, mortalidade infantil. Assim, com um total de 1,7 milhões de habitantes, Fortaleza tinha 55 mil desempregados; o analfabetismo chegava a um total de 514 mil; a mortalidade infantil atingia 107 dos nascidos por mil; quanto ao abastecimento de água, 38,1 % da população não dispunha desse serviço; a malha viária danificada.<sup>5</sup> Por isso, a campanha eleitoral servia como uma demonstração de que os prefeituráveis seriam capazes de encontrar soluções para esses (e outros) problemas da cidade.

Pensar como seria uma prefeitura administrada por uma mulher [em um Estado onde a política até então era dominada pelos chamados coronéis] provocava um sentimento de dúvida e desconfiança. A produção gráfica do humor procurava captar o “espírito” do período e divulgá-lo segundo uma orientação específica do grupo envolvido em seu processo de construção, e esta, expressava-se por meio de sentimentos como a dúvida, ou expondo uma previsão negativa da gestão a ser iniciada.

<sup>5</sup> Ver SOUZA, Lincoln Morais de. **Crônica de um partido não anunciado**: programa e governos do PT entre 1979-2000. Tese de doutorado; Instituto de Economia. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2004. p.302.

As críticas recaiam sobre sua administração não porque Maria Luiza fosse identificada com a corrupção administrativa [aspecto muito comum nas críticas elaboradas sobre administrações de homens], mas porque essa gestão era percebida como acontecimento peculiar, não comum; como um fato que não está no seu “lugar comum”. Ou seja, com a visualização de novos elementos nessa cena política<sup>6</sup>, os chargistas passam a acreditar na impossibilidade de uma administração eficiente para a cidade. O que se revela nas charges da grande imprensa é muito mais uma visão pautada na incompetência administrativa do que uma crítica a valores éticos. Essa marca da incompetência foi construída antes mesmo dela assumir a prefeitura de Fortaleza, assim, as representações humorísticas que dão a ler essa gestão municipal foram estabelecidas sob um *por vir*.

Toda a produção humorística sobre a Maria Luiza destinava-se a infligir uma visão suscitada pela consciência do perigo, pairando sempre a imagem de uma administração pública desastrosa, ineficiente, sem capacidade de organização dos bens públicos. Isso é significativo para compreendermos uma questão de nosso interesse: Esses profissionais não só observaram e pensaram a política de Fortaleza, mas também, lançaram uma produção dando a ler a realidade construída segundo os esquemas geradores das representações por estes ordenadas. Era sob a percepção negativista que gostariam que essa realidade fosse percebida por seus leitores, embora as formas de leituras não sejam controladas pelos chargistas. Mas sabemos que no campo das representações o que conta não é um regime de verdade, e sim, da credibilidade<sup>7</sup>.

As charges oferecem uma leitura desse período a partir da idéia de fracasso da prefeita em exercício, desta forma, marcava a personagem (Maria Luiza) não como prefeita, mas como uma pedinte de esmolas.

---

<sup>6</sup> A primeira mulher a ocupar um cargo executivo na política do Nordeste; eleição de uma prefeita filiada a um partido tido como de esquerda; um grupo político identificado com movimentos populares assumindo o poder; a idéia propagada de uma administração com participação popular.

<sup>7</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.



Fig.03. Glaucio. Diário do Nordeste. 09.01.1986.

Sobressaia a falta de êxito de Maria Luiza em suas tentativas de conseguir financiamento junto ao presidente José Sarney para viabilizar as medidas de governo. As imagens em que Maria Luiza aparece como mendiga sugerem a inabilidade da personagem como administradora, à esta, imprimindo a percepção do descrédito. A prefeita é caracterizada pela ausência de poder, indicando o estado de penúria da administração, já que a imagem de Maria Luiza é a imagem de sua administração.

Da mesma forma que se criou uma expectativa pautada na negatividade sobre a administração de Maria Luiza, essa mesma produção do humor gráfico também sugere que o fim da administração de Maria Luiza significaria o fim do descaso administrativo no âmbito municipal. Os chargistas colocavam a disposição do público a sensação de alívio com o fim desta administração, desta forma, promoveram o desencadeamento de expectativas positivas quanto ao novo grupo administrativo, como se este fosse a solução para os problemas administrativos.